

A PALAVRA E O IMPÉRIO: MANOEL DE FREITAS BRAZILEIRO E A NOVA GRAMMATICA INGLEZA E PORTUGUEZA

Pablo Antonio Iglesias Magalhães
(Universidade Federal da Bahia)

Resumo: O presente artigo investiga a primeira gramática inglesa publicada por um brasileiro, em Liverpool, no ano de 1812. Em tempos de agitação política e transformações econômicas que abalaram o Império português, a circulação de compêndios de gramática inglesa, bem como sua introdução nos colégios e círculos intelectuais, ampliou o acesso às notícias vindas da Inglaterra e aos livros que difundiam práticas e ideias liberais, antagônicas à manutenção do sistema colonial na América portuguesa.

Palavras-chave: Gramática Inglesa; Livros na Bahia colonial; Império Ultramarino;

Abstract: This article investigates the first english grammar published by a brazilian in Liverpool in the year of 1812. In times of political unrest and economic transformations that shook the Portuguese Empire, the circulation of english grammar textbooks and their introduction into schools and intellectual circles expanded access to the news coming from England and to books that spread liberalist practices and ideas, which were antagonistic to the maintenance of the colonial system in Portuguese America.

Keywords: English Grammar; Books in colonial Bahia; Ultramarine Empire;

A língua pode ser compreendida como um instrumento de dominação ou de liberdade. É a dinâmica histórica que relativiza e determina as percepções sociais e políticas da língua. Entre os séculos XV a XVII as línguas passaram a ser associadas ao processo de conquista e domínio territorial das potências ibéricas. A conquista de territórios na América, Ásia e África associaram-se, em maior ou menor medida, à expansão da língua.¹ No século XVIII e início do XIX a imposição das línguas ibéricas foi uma tentativa de reafirmação do poder político-militar dos Estados europeus na América.²

Ainda no século XVIII, contudo, a divulgação de outras línguas europeias, não ibéricas, nas Américas espanhola e portuguesa foi compreendida como uma ameaça para a continuidade dos governos estabelecidos naqueles territórios desde o século XVI. A divulgação de livros e circulação de ideias dos pensadores da Ilustração na Península Ibérica e nas colônias americanas passava pelo domínio do idioma em que os livros eram publicados, visto que os “abomináveis princípios franceses” eram barrados do lado a oeste dos Pirineus e no Ultramar.

O Santo Ofício e depois a Real Mesa Censória estavam atentos ao que era publicado em Portugal, bem como ao envio de livros para o Brasil. Mesmo com todos os impedimentos

inquisitoriais e policiais, livros e manuscritos proibidos eram levados clandestinamente além das fronteiras políticas, chegando à América portuguesa. Grande parte, senão maioria, dessas publicações estava nas línguas francesa e inglesa.

Não resta dúvida de que entre as línguas latinas, desde o século XVIII, a francesa foi a mais recorrente na divulgação do pensamento ilustrado. Entre as línguas de origem germânica, contudo, foi o inglês que alcançou maior êxito na América portuguesa, resultado do processo de Independência dos Estados Unidos e do domínio comercial britânico decorrente da expansão industrial inglesa. Era por meio da língua inglesa que as ideias de John Locke, Adam Smith e Thomas Paine chegavam aos súditos de D. Maria I. Dominar a língua inglesa era o primeiro passo para entrar em contato com o pensamento liberal que então começava a ser divulgado em Portugal e na América portuguesa. O liberalismo e seus difusores eram, no entanto, combatidos pelos agentes da Coroa.

Por isso, nos processos inquisitoriais dos primeiros anos do século XIX, envolvendo em muitos casos pedreiros-livres luso-brasílicos ligados à maçonaria inglesa, há uma preocupação dos inquisidores com as línguas que falavam os acusados pelo Tribunal do Santo Ofício. Isto pode ser observado na prisão, em 1802, do jornalista Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, que nascera na Colônia de Sacramento, foi iniciado na maçonaria norte-americana desde 1798 e era franco defensor do liberalismo. No exame *de genere* que os inquisidores fizeram com Hipólito há uma, não tão surpreendente, curiosidade com os idiomas que o prisioneiro falava. Vejamos o diálogo narrado pelo próprio Hipólito:

Q[uestion]. [Inquisidor] At what age did you begin your studies?

A[nswer]. [Hipólito] I cannot say with precision.

Q. Mention the most probable period, at which you left the writing-school to go to the Latin-school?

A. Perhaps at the age of nine.

Q. Do you know, or suspect, why you was sent to the Latin school at so early an age?

A. No.

Q. Was the Latin grammar you learned by according to the old method of the Jesuits, or a more modern mode?

A. It was the new method of Father Antonio Pereira.

Q. What dead languages, besides the Latin, did you learn?

A. Greek.

Q. Did your masters, when they instructed you to translate the heathen class, at all warn you of the abominable errors, often propagated by those books, wherein may be always found some traces of the false superstitions of the ancient *gentiles*?

A. Yes.

Q. What living languages did you learn?

A. All those that are most necessary in Europe, either in consequence of the intercourse of the respective nations with us, or on account of the scientific works that have been written in these languages?

Q. What motives had you for acquiring those languages?

A. The wish of placing myself in the situation of learning some sciences, which I could not do without understanding the books written in those languages.

Q. Was you, when you began to learn the living languages, at all sensible of the danger attendant on your reading the impious books written in those languages, chiefly in French, English, and German?

A. As the tribunal of the holy office has the care of prohibiting books of a bad tendency, and of sanctioning.³

Não encontramos o diálogo supra no manuscrito do processo de Hipólito junto ao Santo Ofício de Lisboa.⁴ Esse diálogo é, não obstante, significativo de um fenômeno que Gilberto Freyre bem resumiu:

O horror a tudo que parecesse heresia – tão forte no Brasil até os fins do século XVIII, quando um ou outro padre ou bacharel mais irrequieto começou a se deixar contaminar pela “philosophia natural” dos ingleses e dos franceses e pela ideologia política dos norte-americanos – era tal, que a própria língua francesa sabe-se que era tida por suspeita; e sussemitíssimo o seu estudo. Efeito da política pedagógica, dos jesuítas: o máximo da segregação intelectual dos brasileiros dentro do Latim e do Português. Ainda mais suspeita devia soar aos ouvidos ortodoxos a língua inglesa; ainda mais suspeito devia parecer aos orientadores da pedagogia colonial, fiéis às tradições jesuíticas e da Santa Inquisição, o estudo do inglês, língua de numerosos hereges e maçons.⁵

O ensino da língua inglesa e a produção de gramáticas neste idioma foram contemplados por três estudos elaborados por historiadores de Portugal e do Brasil, apresentados a seguir, mas que são, em alguma medida, carentes de documentação histórica. Manoel Gomes da Torre, em 1985, investigou a importância da língua inglesa em Portugal ao longo do século XVIII, sempre crescente após o Tratado de Methuen.⁶ O autor registrou as primeiras gramáticas e dicionários ingleses voltados para o público português, a começar pela fantasmagórica *Arte da língua Inglesa, e Olandeza para instrução dos seus Naturais*, atribuída por Barbosa Machado a Paula Vicente (filha de Gil Vicente), que dataria de meados do século XVI. A primeira *Grammatica Anglo-Lusitanica* saiu em anexo ao livro *A Compleat Account of the Portugeeze Language Being a copious Dictionary*, publicado em Londres por um misterioso autor que procurou manter-se anônimo por detrás das iniciais A. J. (A Jesuit ou A Jew?). A obra seguinte foi a *Grammatica Lusitano-Anglica* de Jacob de Castro, publicada em Londres no ano de 1731. Essa gramática teria uma segunda edição londrina em 1751 e uma lisboeta em 1777.⁷

Outras gramáticas inglesas foram publicadas em Portugal durante o Ministério Pombalino, num tempo de crescente “anglofobia” política. Antonio Banha de Andrade indica mais alguns desses títulos:

Num outro campo, o da lingüística, é de assinalar o facto de neste período se terem publicado mais algumas gramáticas e dicionários, nas línguas vivas que constituíam veículo indispensável da cultura europeia. (...) Para o estudo do inglês apareceu em 1761, na oficina de Francisco Luís Ameno, a *Grammatica ingleza ordenada em Portuguez, na qual se explicam clara e brevemente as regras fundamentais e as mais proprias de falar puramente aquela lingua*, da autoria de Carlos Bernardo da Silva Teles de Meneses. O alentejano António Vieira (...) é autor de uma *A New Portuguese Grammar in four parts*, cuja 2.^a edição surgiu em Londres, no ano de 1777, (nova edição, Londres, 1811). Inocêncio, que desconhece esta obra, refere uma *Grammatica Ingleza e Portugueza* e uma *Grammatica Portugueza e Ingleza*, impressas respectivamente em Londres, 1827 e Lisboa, 1812.⁸

No início do século XIX, em meio à turbulência napoleônica que assolava a Europa e o Ultramar, foram publicadas duas gramáticas inglesas relacionadas ao Brasil colonial. A primeira foi a *Nova Grammatica portugueza e ingleza, a qual serve para instruir os portuguezes na lingua ingleza*, editada por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça em 1808, e a segunda foi a *Nova Grammatica Ingleza e Portugueza*, em 1812, do baiano Manoel de Freitas Brasileiro. A gramática de Manoel de Freitas foi reimpressa em forma de compêndio no Rio de Janeiro em 1820.

Apesar de assinalar diversas gramáticas inglesas, Gomes da Torre e Banha de Andrade sequer mencionam as gramáticas de Hipólito José da Costa e de Manoel de Freitas Brasileiro. Isso indica a raridade das mesmas. Indica, também, que a maior parte dos seus exemplares deve ter saído dos prelos de Londres e Liverpool com destino à América portuguesa, restando poucos exemplares em Portugal e mesmo na Inglaterra.

Elaine Maria Santos investigou a circulação das gramáticas inglesas em Portugal e no Brasil após as reformas pombalinas na educação. A historiadora ignorou, contudo, a existência da gramática inglesa de Hipólito, mas destacou a importância das duas edições de Manoel de Freitas. Segundo a autora, através da análise dessa gramática (na edição de 1820), “é possível perceber ser essa obra uma versão mais simplificada do livro a *Nova grammatica ingleza e portugueza*, publicada em Liverpool em 1812, por Manoel de Freitas Brasileiro, muito provavelmente o mesmo autor, que assinou essa obra com um nome diferente”.⁹ É, de fato, o mesmo autor.

O melhor estudo sobre a circulação de gramáticas inglesas no Brasil, contemplando o período entre o Decreto de Abertura dos Portos e a Proclamação da República (1808-1889),

foi elaborado por Luiz Eduardo Meneses de Oliveira. Na sua tese doutoral Oliveira trata da gramática de Hipólito e aponta superioridade da gramática publicada por Manoel de Freitas no ano de 1812, em face das suas congêneres.¹⁰

Todos os autores das gramáticas inglesas publicadas no século XVIII, bem como os três historiadores acima indicados, são unânimes ao apontar a aproximação comercial entre Inglaterra e Portugal como a força que impulsionou a publicação das diversas gramáticas anglo-lusitanas. Após 1703, no caso de Portugal, e 1808, em relação ao Brasil, os produtos e comerciantes da Inglaterra dominaram o cenário econômico do Reino e da sua colônia. Para além do comércio, outros fatores políticos impulsionaram a publicação e circulação de obras dessa natureza e seu uso na América portuguesa.

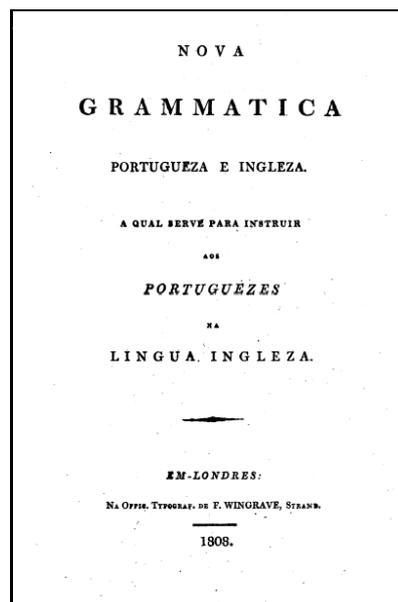
É óbvio que os autores das gramáticas inglesas iriam justificar a publicação das obras por razões de comércio. Sob a pena da censura, nenhum autor em sã consciência diria que a publicação das gramáticas inglesas serviria para educar uma elite colonial a ter acesso aos escritos em língua inglesa que poderiam servir para desafiar a autoridade instituída do Trono e do Altar no Império português. Ora, o único comércio em que Hipólito José da Costa estava envolvido era o de influência política contra a monarquia portuguesa e contra a dominação colonial. Daí a preocupação das autoridades em investigar as línguas que Hipólito da Costa conhecia. Decerto que na transição do século XVIII para o XIX as autoridades portuguesas experimentaram uma dicotomia em relação ao uso e ensino da língua inglesa. Era a língua do comércio na Europa e no Ultramar. Era, também, a língua usada para difundir o pensamento liberal em oposição à ordem mercantil e colonial.

Um momento significativo da transição entre a anglofobia do período pombalino para a anglofilia do governo joanino pode ser representado pela vinda da família real portuguesa para o Brasil. Anglofilia, sem dúvidas, impulsionada por relações de comércio e que se refletiu no estabelecimento oficial do ensino da língua inglesa. No Rio de Janeiro um Decreto de 30 de maio de 1809 determinara a criação de uma Cadeira de Língua Inglesa na Academia Militar da Corte, com o ordenado mensal de 12.000 réis. A Decisão n. 29, de 14 de julho, criou no Rio de Janeiro duas cadeiras de ensino de línguas: uma de Língua Inglesa e uma de Língua Francesa. O texto afirma que “a necessidade, e utilidade das linguas franceza e ingleza (...) é de muito grande utilidade ao Estado, para augmento, e prosperidade da instrucção publica, que se crie nesta capital uma cadeira de lingua franceza, e outra de ingleza”.¹¹ A Carta Régia de 9 de setembro de 1809 determinava a nomeação do professor de inglês, o padre irlandês John (João) Joyce, para o ensino da língua na Corte.

Essa difusão do estudo da língua inglesa na América portuguesa ocorreu em duas esferas. As determinações do governo joanino no Rio de Janeiro, acima indicadas, foram revestidas de um caráter oficial e serviram para educar homens capazes de facilitar o comércio entre a Inglaterra e o Império português.

Mas há outras razões, além das oficiais, para disseminar a língua inglesa no território brasileiro. Hipólito da Costa editou em 1808 a gramática inglesa com outros objetivos para além das relações comerciais. Também em 1808, após sua picaresca fuga dos cárceres do Santo Ofício,¹² foi na capital da Inglaterra onde o jornalista iniciou a publicação do *Correio Braziliense*. Esse periódico fazia oposição à monarquia portuguesa e defendia a liberdade de imprensa. Vale ressaltar que Hipólito da Costa foi o Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano, principal centro da maçonaria portuguesa, criado em 1802. Ambas as publicações, o *Correio Braziliense* e a gramática, podem ser percebidos como uma ameaça para as instituições do Antigo Regime português e para a vigência do sistema colonial no Atlântico Sul. O bibliógrafo Francisco Inocêncio da Silva descreveu a gramática editada por Hipólito da seguinte forma:

Nova Grammatica portugueza e ingleza, a qual serve para instruir os portuguezes na lingua ingleza. Londres, 1811. 8.º- Nova edição, revista e consideravelmente augmentada. Ibi, na Offic. de F. Wingrave 1818. 8.º gr. de IV-111 pag; a que se segue um Vocabulario das palavras mais usadas na conversação, que contém 119 pag. Esta Grammatica, que Hypolito José da Costa addicionou e reviu, impressa em Londres em 1828, é quasi textualmente a mesma publicada por Jacob de Castro; e tambem conforme a outra que se imprimiu em Londes, na offic. de F Wingrave.¹³



A crer em Inocêncio, Hipólito foi o reeditor e não o autor da gramática impressa em 1808, porque se trata da gramática de Jacob de Castro repaginada. A comparação das duas indica isto. O certo é que Hipólito não estava sozinho na tarefa de difundir a língua inglesa nos domínios de Portugal. Mais eficiente que o redator do Correio Braziliense na divulgação da língua inglesa no ultramar português, particularmente na Capitania da Bahia, foi Manoel José de Freitas, ou, como ostenta no frontispício da sua gramática Manoel de Freitas Brasileiro. Aliás, o próprio Hipólito foi o primeiro a reconhecer a superioridade da gramática inglesa de Manoel de Freitas Brasileiro e publicou no Correio Braziliense que:

O Author desta obra, se intitula no prologo Selector, ou compilador do que se acha escripto sobre a Grammatica da lingua Ingleza, que se propoem explicar por meio da Portugueza; e podemos asseverar ao Leitor que a selecção he mui superior ao que neste genero temos até agora visto na lingua Portugueza, por meio de seu idioma, um conhecimento daquella lingua tão exacto quanto he possivel dar-se em lingua tão differente, dos principios da linguagem Ingleza.

Não he um mero rezumo, nem uma compilação de dissertaçoes; sobre os diversos assumptos da Grammatica Ingleza; e por tanto julgamos este volume summamente adaptado a guiar o discipulo, e ajudar o mestre; até que o Portuguez estudante da lingua Ingleza esteja em situação de fazer maiores progressos, sem auxilio de Pedagogo, que, aos principios, nenhuma Grammatica Ingleza, por mais ampla que fosse, poderia fazer com que se escusasse: pode isso affirmar-se de quasi todas as linguas; mas da Ingleza com especialidade; e póde o estudante Portuguez estar seguro, que nenhuma Grammatica, por mais perfeita que fosse, o ensinaria a fallar Inglez sem as instrucçoes do Mestre.¹⁴

Mas quem era Manoel José de Freitas e qual a história que envolve a publicação da sua gramática ?

Manoel de Freitas Brasileiro e a *Nova Grammatica Ingleza e Portugueza* de 1812.

De início é possível afirmar que há uma grande confusão envolvendo a autoria da gramática inglesa. Foi necessário iniciar a investigação sobre Manoel José de Freitas consultando os dois principais repositórios bibliográficos de Portugal e do Brasil. O bibliógrafo português Innocencio Francisco da Silva afirma o seguinte sobre a vida e a obra de Manoel de Freitas:

Professor de Logica, e das linguas ingleza e franceza na cidade da Bahia. Nos frontispicios das obras que imprimiu, elle se intitula brasileiro; sem comtudo designar qual a provincia onde tivera berço.- E. 638) Nova

Grammatica ingleza e portugueza, dedicada à felicidade e aumento da nação portugueza: selecta dos melhores auctores. Rio de Janeiro, Imp. Reg. 1810. - Não vi exemplar d'esta edição, mas sim de outra feita em Liverpool, 1812. 8. 639) Leitura instructiva e recreativa, ou idéas sentimentaes sobre a faculdade do entendimento chamada gosto, etc. extrahido livremente do inglez. Liverpool, impresso por J. Lang 1813. 8. de 81 pag.- Tenho um exemplar, e vi outro em poder do sr. Figanière.¹⁵

O bibliógrafo baiano Augusto Alves Victorino Sacramento Blake apresenta mais informações:

Manoel Dendê Bus — Natural da Bahia. Ignoro a época do seu nascimento e o seu óbito, que foi na capital antes de 1850. Era presbytero secular, conego e vigário da freguezia da Conceição da Praia, cavalleiro da ordem de Christo e condecorado com a medalha da campanha da independência do Brazil, para a qual cooperou efficazmente, sendo um dos membros eleitos na Cachoeira a 6 de setembro de 1822 para o governo provisório da Bahia e expulsão das forcas luzitanas commandadas pelo general Madeira. Usou até então do nome de Manoel José de Freitas e foi professor de lógica e das línguas latina, franceza e ingleza. Escreveu:

— Nova grammatica portugueza, dedicada à felicidade e augmento da nação portugueza, selecta dos melhores autores. Rio de Janeiro, 1810, in-4° — Houve outra edição de Liverpool, 1812, in-8". Nos Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822 não vejo, entretanto, mencionado este livro, mas só o

— Compêndio de grammatica ingleza e portugueza para uso da mocidade adiantada nas primeiras letras. Rio de Janeiro, 1820, 110 pags. in-4°.

— Leitura instructiva e recreativa ou idéas sentimentaes sobre a faculdade do entendimento, chamada gosto, etc, extrahida livremente do inglez. Liverpool, 1813, 81 pags. in-8°.¹⁶

Ambos, desta vez, erraram (e quase segui Blake no seu erro!). Equivocou-se o bibliógrafo português, visto que a não houve uma edição da gramática inglesa no Rio de Janeiro em 1810, mas em 1820. Erro perdoável, talvez seja até mesmo um erro de impressão. No caso de Sacramento Blake, o bibliógrafo baiano afirmou que Manoel de Freitas Brasileiro e Manoel Dendê Bus eram a mesma pessoa. É necessário desfazer esse equívoco que perdura mais de um século.

Alguns aspectos da biografia de Manoel Dendê Bus foram levantados por Manoel de Aquino Barbosa e Cândido da Costa e Silva.¹⁷ Manoel José de Freitas Baptista Mascarenhas, nome de batismo, nasceu na freguesia da Sé no Porto, em Portugal, a 6 de dezembro de 1784, filho de Manoel Gonçalves da Costa e Catarina Maria de Jesus, ambos portugueses. Cedo Manoel de Freitas Mascarenhas veio para a Bahia, onde frequentou estudos particulares. Foi ordenado presbítero aos 27 anos, em 25 de julho de 1812, pelo Arcebispo D. Fr. José de Santa Escolástica. No ano seguinte, 1813, foi nomeado vigário colado da freguesia de Nossa

Senhora d’Ajuda da Vila de Jaguaripe, no Recôncavo baiano. Em seguida, foi nomeado, a 22 de junho de 1815, professor de Gramática Latina na Vila Nova da Rainha, sendo transferido a 14 de setembro do mesmo ano para a Vila da Cachoeira.¹⁸ Seu nome de “rebatismo” é Padre Manoel Dendê Bus, que adotou em 14 de março de 1823, no calor da luta contra os portugueses, mudança autorizada por despacho do Governo e acompanhada do aviso público pela imprensa. A 27 de agosto de 1823, foi apresentado por Vigário colado, por Carta Imperial, para a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, cargo de que tomou posse em 16 de janeiro de 1824. Ainda por Carta Imperial foi nomeado Cônego honorário da Sé Metropolitana a 22 de setembro de 1823. Ocupando cargos eclesiásticos em Salvador, o Padre teve que transferir a docência em latim para a capital da Província, o que conseguiu a 28 de fevereiro de 1828. Teve dois filhos, Grato e Justo, havidos depois das ordens sacras, de Maria Joaquina de Oliveira, branca, solteira que viveu em sua casa até 1828.

É impossível que o Vigário da Conceição da Praia, Manoel Dendê Bus, seja o autor da gramática inglesa, conforme Blake havia assinalado. Manoel de Freitas Brasileiro também se chamava Manoel José de Freitas, mas não era sacerdote e nem portuense. O gramático afirma que nasceu na Bahia, sendo, portanto, lidimamente “brasileiro”, conforme estampou no seu livro. Não pudemos apurar a data de nascimento do gramático, mas ele certamente teria nascido em Salvador antes de 1784, sendo mais velho que seu homônimo portuense.

Obter informações confiáveis acerca do gramático Manoel José de Freitas foi possível graças à localização de alguns manuscritos inéditos, custodiados pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que ajudaram a elucidar parte da sua biografia.¹⁹ Para confirmar a Capitania da Bahia como o local do seu nascimento apresentamos uma petição do gramático ao governo joanino com o objetivo de angariar o cargo de Secretário do Governo da Capitania do Espírito Santo:

Senhor

Diz Manoel Jozé de Freitas, natural da Cidade da Bahia, que desde os seus primordios, tendo-se applicado aos Estudos da Latinidade, Rethorica, e Philosophia racional, ali assentou praça servindo a Vossa Magestade seis annos no Regimento de Artilharia da mesma; dando depois baixa, sem nota no Real Serviço, estando no posto de Cabo de Esquadra da Companhia de Mineiros; e succedeu servir depois mais quatro annos, sem ordenado, na qualidade de Praticante, na Officina do Cunho da Caza da Moeda da dicta Cidade, como hé constante. Passando o supplicante posteriormente à Capital de Lisboa, em companhia do Ex.^{mo} Conde de Cavalleiros, ora falecido, quando acabou do Governo daquella Capitania, se empregou nas Aulas Regias aos Estudos da Lingua Grega. Indo depois para Londres, se exercitou na practica do Commercio, na bem conhecida Caza de Mangin, que tinha grande correspondencia com as Praças Portuguezas; adquirindo ali o supp.^{te}, pela sua rezidencia de doze annos, sufficientes conhecimentos das Linguas

Ingleza, Franceza, e Italiana, até publicando pela Imprensa uma sua Gramatica da dicta Lingua Ingleza, em 1813, para facilitar aos seus nacionaes o uzo daquelle Idioma tão necessário às relações commerciaes Portuguezas. Porém, pelos notórios transtornos da Europa, e decadência mercantil da dicta Caza, o Supp.^{te} achando-se actualmente nesta Côrte, e dezejando empregar-se no Real Serviço deste Reyno do Brazil, considerando-se habilitado para o exercicio de alguma Secretaria, e tendo noticia de estar findo o Triennio da Secretaria do Governo da Capitania do Espirito Sancto e podendo acontecer estarem outros semelhantes Empregos em circumstancias de Provimento, por estas razoes, prostrado nos Pés do Real Throno:

P. a Vossa Magestade seja servido, pela Sua Real Grandeza, favor ao Supplicante a Graça do dicto Emprego de Secretario do Governo da Capitania do Espirito Sancto, ou de outra Capitania Maritima deste Reyno do Brazil; Dignando-se V. Mag.^e attender aos limitados mencionados serviços da tropa de linha, e da Caza da Moeda; e as mais habilitações literárias, como também à boa conducta do Supp.^{te}, de que pode informar o Ex.^{mo} actual Conde de Cavalleiros, e outros de igual Dignidade.

E. R. M.

Manoel Jozé de Freitas²⁰

O documento esclarece episódios da vida de Manoel de Freitas antes de partir para a Inglaterra e publicar seus livros. Aliás, o pseudônimo “Brazileiro” que estampou na gramática já indicara que seu autor era mesmo nascido no Brasil. O fato é que “brasileiro” ainda não era um adjetivo pátrio. Lembremos que o jornal de Hipólito José teve por título *Correio Braziliense*, numa época em que a expressão “brasileiro” ainda era pejorativa ou representava, pelo sufixo “eiro”, os homens que trabalhavam no trato do pau-brasil. Manoel, contudo, publicou esse epíteto para demonstrar seu sentimento de pertencimento em relação à sua terra natal. Inocêncio da Silva também o tivera por natural do Brasil, mas não sabia de que capitania. O documento acima confirma, não obstante, que seu berço foi a “Cidade da Bahia”. O mesmo texto revela mais informações sobre o autor da gramática inglesa.

Manoel José de Freitas estudou latim, retórica e filosofia racional em Salvador. Estas três disciplinas foram, junto com o ensino da língua grega, as primeiras cadeiras régias implantadas em Salvador no governo D. Rodrigo José António de Meneses, o Conde de Cavalleiros (6 janeiro de 1784 a 18 abril de 1788).²¹ O manuscrito também afirma que D. Rodrigo de Meneses foi um personagem decisivo na vida de Manoel José de Freitas. D. Rodrigo, nascido em Santa Maria dos Olivais, a 12 de Fevereiro de 1750, era um homem ilustrado e foi governador da capitania de Minas Gerais de 1780 a 1783, antes de ser indicado governador da Bahia. Naquela capitania executou um governo aos moldes dos projetos da Ilustração europeia, tornando-se amigo dos poetas inconfidentes e angariando homenagens de Claudio Manoel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. O cronista Luís dos

Santos Vilhena afirmou que após fundar as cadeiras régias na Bahia o Conde de Cavalleiros matriculou os seus filhos nestas. Assim, Manoel de Freitas bem pode ter frequentado as aulas junto com os filhos do governador.

Manoel de Freitas afirmou que assentou, ainda na Bahia, praça servindo seis anos no Regimento de Artilharia. Deu baixa no posto de Cabo de Esquadra da Companhia de Mineiros.²² Foi, posteriormente, pelo tempo de quatro anos, praticante na Oficina do Cunho da Casa da Moeda de Salvador. Passou a Lisboa, segundo informa o manuscrito acima transcrito, na companhia do Conde de Cavalleiros quando o mesmo concluiu seu tempo de governo capitania da Bahia em abril de 1788.

Manoel José de Freitas viveu na capital portuguesa por quase doze anos, onde estudou a língua grega.²³ Após esse tempo passou a Londres, onde também residiu por doze anos, tornando-se empregado da Casa Mangin, fundada por Anthony Mangin (1735 - 1803), que mantinha relações comerciais com as principais praças portuguesas. Na capital da Inglaterra, segundo afirmou, aprendeu inglês, francês e italiano.

O seu considerável conhecimento linguístico o habilitou a escrever a *Nova grammatica portugueza e ingleza dedicada á felicidade e augmento da Nação Portugueza*, publicado por G. F. Harris's Widow and Brothers, em Liverpool no ano de 1812. Como Hipólito José da Costa apenas reeditou a gramática de Jacob de Castro, isso torna Manoel José de Freitas o primeiro brasileiro a escrever e publicar uma gramática inglesa. Na verdade, o primeiro baiano que publicou uma gramática.

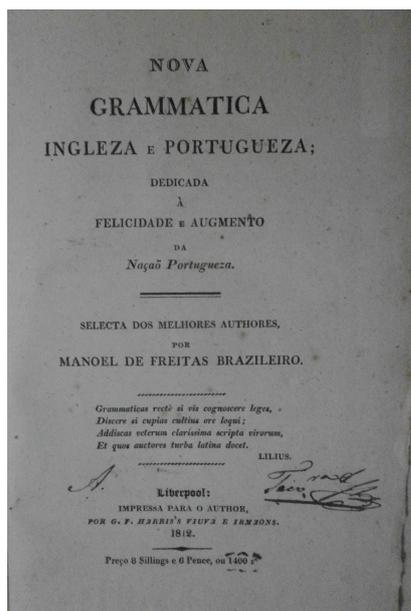


Imagem: Coleção do autor

Se o compêndio editado por Hipólito da Costa não se difere muito das gramáticas inglesas dedicadas aos profissionais ou aprendizes do comércio, tal não foi o caso da *Nova grammatica portugueza e ingleza* de Manoel de Freitas Brasileiro. Esse autor incluiu na sua obra, além das matérias propriamente gramaticais – ortografia, etimologia, sintaxe e prosódia –, uma “selecta dos melhores authores”. Já no Prólogo, Freitas afirmou que a Língua Inglesa deveria ser considerada uma das “universaes (...) como tem sido a Latina e a Franceza”, pois nela se encontram todos os gêneros de leitura, tanto os que embelezam o pensamento quanto os que dilatam as idéias, razão porque se via na obrigação de divulgar entre seus compatriotas o conhecimento de um “Dialecto tão estranho aos ouvidos dos habitantes do Antártico”. Não esquece, porém, de destacar a utilidade comercial da língua, principalmente num momento em que os portos do Brasil estavam franqueados ao comércio com a Inglaterra.²⁴

Além da gramática, Manoel de Freitas publicou uma tradução intitulada *Leitura instructiva e recreativa ou ideas sentimentaes sobre a faculdade do entendimento, communmente chamada gosto extrahido livremente do inglez por Manoel de Freitas Brasileiro* Liverpool: J. Lang, 1813, 8.º, com a colação IV, 81, [1].

A obra de Manoel de Freitas não foi, contudo, publicada somente para os britânicos. Seus livros foram impressos para os brasílicos, como indica os títulos impressos exclusivamente em língua portuguesa. Além disso, boa parte dos exemplares da *Nova Grammatica* foram remetidos para a Bahia e em meados de abril de 1813 já estava disponível para venda na loja da Gazeta que pertencia a Manoel Antonio da Silva Serva. A Idade d’Ouro do Brazil publicou o seguinte anúncio:

Na Loja da Gazeta, se acha, vinda de Londres, a nova Grammatica Ingleza, e Portugueza, dedicada á felicidade; e augmento da Nação Portugueza; Seleta dos melhores Authores; composta pelo Portuguez Manoel de Freitas, Brasileiro. Preço 2000 réis.²⁵

O livro em questão era muito caro. Custava o dobro do preço do mais caro dos livros publicados na Bahia pela Typografia de Manoel Antonio da Silva Serva, o *Almanak de 1812*, oferecido por 1000 réis. O preço elevado deve ter dificultado a venda do livro de Manoel José de Freitas e por isso a edição da Idade d’Ouro de 28 de maio volta a oferecer a *Grammatica Ingleza, e Portugueza*.²⁶ Seis anos depois de publicado ainda era possível encontrar exemplares na loja do livreiro José Paulo Franco e Lima, também em Salvador, que ofereceu a “Grammatica Ingleza, Manoel José de Freitas Brasileiro 4.º2\$560”.²⁷

Curioso que o livro foi impresso em Liverpool, mas a nota na Idade d'Ouro afirmou que os exemplares vieram de Londres. Nenhuma embarcação vinda de Londres entrou no Porto da Bahia entre março e a primeira quinzena de abril de 1813. Chegou, não obstante, um grande comboio de Liverpool naquele mesmo período. Entrou no porto de Salvador, vindos de Liverpool, a 24 de março, o brigue Sally, após 52 dias de viagem, e a 25 de março, após 53 dias de viagem entrou o brigue Superior, da Moirs e Companhia. Dois dias depois chegaram os brigues Carrells e Elisabeth, além da galera Carolina. Ainda a 27 de março chegou a escuna Adventor.²⁸ A gramática inglesa deve ter vindo nesse comboio de Liverpool e por isso estaria disponível na Loja da Gazeta em meados de abril.

Tanto na Capitania da Bahia quanto nos demais centros urbanos do Brasil havia grande interesse nos autores e nas ideias inglesas. No mesmo ano em que Manoel de Freitas publicou sua *Nova Grammatica*, o bahiense Bento da Silva Lisboa, filho de José da Silva Lisboa, que viria a tornar-se o Visconde de Cairú, publicou na Impressão Régia do Rio de Janeiro a primeira tradução portuguesa da obra *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, do escocês Adam Smith. A circulação de livros que propagavam princípios filosóficos do liberalismo era significativa na Bahia. Tanto que o Padre Ignacio José de Macedo, editor da Idade d'Ouro do Brasil afirmou que

Desde 1820 que lidei no Brazil com os homens mais Liberaes, e que mesmo antes de se fallar em Constituição Portugueza erão homens amigos de ler livros de idéas liberaes, que na Bahia corrião com mais franqueza, que em Portugal; porque alli houve sempre huma Liberdade de facto, e muita propensão a livros filosoficos.²⁹

O uso da língua inglesa nos círculos intelectuais da capitania da Bahia se refletia na composição da Biblioteca Pública, inaugurada em agosto de 1811, que contava, por volta de 1835, com 7821 volumes, dos quais 4273 eram em língua francesa, 1395 em latim, 1185 em português, 550 em inglês e 388 em espanhol e italiano. Cerca de 7% da referida Biblioteca era composta por livros impressos em inglês.³⁰

Além dos livros, a Biblioteca Pública era subscritora de diversos periódicos ingleses, que eram anunciados e disponibilizados ao público. A falta de notícias vindas da Inglaterra, principal aliado político de Portugal, inquietava dos editores da Idade d'Ouro do Brasil:

Como o Commercio desde o descobrimento da America tem sido, e he actualmente o motivo de todas as guerras, nós temos os olhos fitos na estrella do Norte para desavisarmos nella os indicios do nosso bem, ou do nosso mal: mas até agora nada podemos concluir porque o tempo, como dizem os Nautas, está encoberto.³¹

A Idade d'Ouro afirmou ainda que “A Biblioteca pública tem augmentado os seus volumes com novas receitas, mandadas vir da Inglaterra; e já se não pode dizer, que por falta de livros havemos de ser ignorantes”.³² A chave para ter acesso aos periódicos e notícias vindos da Inglaterra eram as gramáticas que ensinavam os princípios da língua inglesa. A gramática inglesa de Manoel de Freitas.

Na Capitania da Bahia, o primeiro registro do ensino da língua inglesa data de 1812, no mesmo ano, talvez não por coincidência, da publicação da *Nova Grammatica Ingleza, e Portugueza*. No exame de língua inglesa, na 6.^a Classe do Colégio Boa Sorte, receberam distinção os filhos do Desembargador Antonio José Ozorio de Pina Leitão e do Comendador Francisco José de Mattos. A mesma distinção não recebeu o jovem Libânio, menino que era filho do músico mulato Marcellino Antonio de Sousa, um dos suspeitos de participar da Conjuração dos Alfaiates em 1798.³³ Ironicamente, Marcellino era amigo de Manoel José de Freitas e também uma figura importante na vida do gramático baiano.

O regresso de Manoel e a edição brasileira da gramática

Após doze anos na Inglaterra e em razão da decadência da Casa Mangin, Manoel José de Freitas decidiu regressar ao Brasil. Foi a correspondência do seu amigo Marcellino Antonio de Sousa que nos permitiu investigar aspectos da atribulada vida do gramático baiano.

Marcellino Antonio afirma que o gramático tentou regressar da Inglaterra para a “Bahia, sua Pátria”. Tentou, mas não conseguiu, pois no caminho foi apreendido junto com o navio inglês que o transportava. Assim, Manoel José de Freitas acabou sendo levado prisioneiro para os Estados Unidos em razão da Guerra de 1812, conflito entre a Inglaterra e sua antiga colônia na América do Norte, que crescia em influência e poder no início do século XIX.

A carta de Marcellino não indica pormenores da captura de Manoel José de Freitas, mas a guerra anglo-americana ocorreu entre 18 de junho de 1812 e 23 de março de 1815, embora o seu tratado de paz tenha sido assinado já em 1814. É possível, contudo, apontar o navio que transportava Manoel José de Freitas para a Bahia. Apesar da superioridade naval britânica, a incipiente esquadra dos EUA afundou ou apreendeu algumas embarcações à marinha inglesa. Uma das batalhas da marinha norte-americana contra a marinha inglesa ocorreu nas águas da Bahia, entre o *USS Constitution* e o *HMS Java*, que terminou na vitória

do primeiro sobre a fragata inglesa que foi metida à pique. O capitão inglês Henry Lambert morreu em Salvador dois dias depois e foi sepultado no Forte de São Pedro.³⁴ Estaria Manoel José no Java? Pouco provável porque os seus tripulantes prisioneiros, inclusive o general inglês Thomas Hislop com destino à Bombaim, foram entregues às autoridades da Bahia pelos norte-americanos.

Houve, não obstante, dois navios ingleses que partiram em comboio do porto de Liverpool com destino a Salvador e que foram apreendidos pelos norte-americanos, o *HMS Volunteer* e o brigue *Liverpool-Hero*. O episódio da captura do *Volunteer* e do *Liverpool-Hero* pelo *USS Chesapeake*, que estava sob comando do Capitão Samuel Evans, ficou conhecido nos primórdios da história naval dos Estados Unidos. Após zarpar do porto de Boston no dia 17 de dezembro, o *Chesapeake* navegou entre 24 e 30 graus de longitude oeste, onde interceptou o comboio que zarpou de Liverpool em direção a Salvador. Aliás, integravam o mesmo comboio que transportava os exemplares da *Nova Grammatica Ingleza e Portugueza* para a Bahia.

O *Chesapeake* capturou o *Volunteer* a 12 de janeiro de 1813 e foi registrado que o mesmo transportava considerável quantidade de cargas secas. O Capitão Evans designou um grupo com ordens para conduzir o *Volunteer* aos Estados Unidos e a embarcação apreendida seguiu para Portsmouth, New Hampshire. No dia seguinte, às 11 horas, o brigue inglês chamado *Liverpool-Hero* também foi aprisionado pelo *USS Chesapeake*. Penso que Manoel José de Freiras estava em alguma das duas embarcações e foi um dos passageiros capturados. A *Niles' Weekly* registra que essas ações do *Chesapeake* resultou em 58 prisioneiros levados para os Estados Unidos.³⁵ Manoel José de Freitas, decerto, não teve dificuldades com a língua dos norte-americanos.

Pela carta de Marcellino de Sousa temos notícia de que Manoel de Freitas seguiu dos Estados Unidos para Lisboa. Retornaria ao Brasil por intermédio de José Joaquim da Silva Freitas, Oficial Maior da Secretaria d'Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, que lhe prometeu emprego no Rio de Janeiro, onde deve ter chegado em 1816. Um documento da Real Mesa Censória apresenta mais algumas pistas sobre o gramático e seus hábitos de leitura. Segundo o manuscrito “Manoel Jozé de Freitas, natural da cidade da Bahia de Todos os Santos, que havendo de transportar-se para a Corte do Rio de Janeiro no navio = Princeza = e tendo de levar para seu uso os livros”, requer autorização para remeter “Gregos: Theocrito e Hesiodo, Sophocles, Luciano. Latinos: Cicero – de officiis, Cicero – de oratore, Virgilis, Plinio, Terencio, Justino. Portuguezes: Lucena, Andrade, Macedo (...)”.³⁶

Manoel de Freitas apreciava, segundo podemos inferir desta lista, a leitura dos clássicos da antiguidade greco-romana e também os clássicos portugueses.

A carta de Marcellino Antonio de Sousa para Pedro Machado de Miranda Malheiro, Chanceler-mor do Reino e Inspetor da colônia Suíça do Cantagalo, abaixo transcrita, afirma que a promessa de emprego feita pelo Oficial Maior não se concretizou e após dois anos na Corte restou a Manoel José de Freitas instruir os filhos do próprio José Joaquim da Silva Freitas. Segue a carta:

Ex.^{mo} Sñr Monsenhor Miranda

A m.^a moléstia desde 9 de Maio, e indescricção de sair em 7br.^o sem estar de todo restabelecido, motivou hũa furiosa recaída, achando-me de presente ainda privado de escrever, e sair desta salleta, motivo porque não tenho tido a honra de pessoalm.^e receber as ordens de V. Ex.^{cia} e participar-lhe igualm.^{te} de q'. o V. Thomaz Antonio, mandou informar o meu requerim.^{to} a B.^a, cujo passo me não pode ser desfavorável, e logo o q'. eu tiver noticia de haver chegado a informação exigida do Conde de Palma, avisarei a V. Ex.^{cia}, p.^a ultimar o favor principiado.

Manoel Joze de Freitas, conhecido em Inglaterra p.^o r Manoel J.^e Brasileiro, depois de haver estudado com grande aproveitam.^{to} a Lingua Latina, e Philozophia, passou da B.^a p.^a Lx.^a, donde estudou o Grego, Francez, e Italiano, demorando-se em Portugal quazi 12 annos, de donde passando p.^a Inglaterra, fez tal estudo na Lingua Inglesa, q'. se animou na Capital daquela Nação, a compor hũa Grammatica da refer.^a Lingua Inglesa, o q'. foi bem aceito, e louvado; e propondo-se depois a passar p.^a a B.^a sua Patria, foi tomado pelos Americanos, nesta ult.^a guerra, e transportado aos Est.^{os} Unidos de donde indo p.^a Lx.^a, achou o convite do official Maior Freitas,³⁷ seu conhecido, e am.^o antigo, p.^a q'. viesse a este R.^o de Janei.^o; o q'. elle executou, com a promessa de q'. seria empregado, não tendo result.^o cousa algũa a dous anos q'. está na sua comp.^a, intretido a instruir-lhe os filhos.

Apresentei-o ao Sñr Marquez d'Aguiar, q'. como amator da Lingua Inglesa, e ter visto a composta Grammatica, estimou m.^{to} vêlo, recomendando q'. continuasse a parecer-lhe porém infelizm.^e adoeceo, e morreo, perdendo-se p.^o r consequência o arranjo q'. se lhe estava dispondo.

Da m.^{ma} forma o fiz depois conhecer pelo V. Barão Thesour.^o Mor, q'. dizendo-me o havia arranjar, o não tem feito p.^o r esquecim.^{to} ou p.^o r viver ocupado em objetos mais sérios, e ser o d.^o Freitas Brasileiro, bastentem.^{te} innabil p.^a Pertendente q'. se não desengana depois de procurar hũa e m.^{tas} veses o seu Protector. Hé justam.^e o p.^o r o de q'. estou tratando, e lembrado estava V. Ex.^{cia}, de q'. faltando na sua Capacid.^e, e talento, me disse benignam.^e q'. lho apresentasse, porem como pelos motivos mencionados no principio desta, o não pude fazer, cumpro agora, encaminhando-o a presença de V. Ex.^{cia}, com hum requerim.^{to} feito pela sua letra, q'. espero me faça a honra receber, e têlo como attenção.

Também me lembro q'. quando não possa ter effeito ad.^a pertença, poderá ter caminho o ser empregado na Inspeção do estabelecim.^{to} dos Suissos em Canta-gallo, huma vez q'. possa ser conveniente ao d.^o Freitas, visto ser perfeitamente as Linguas Inglesa, Francesa, Hespanhola, e Italiana alem de huma exemplar conducta o q'. afinco a V. Ex.^{cia} de Ex.^o de palavra de honra, assim como estou persuadindo q'. farão como alguns Fidalgos q'. aqui estão do seu conhecim.^{to}; Dez.^o r Silva Ex.^a e outros.

Perdoe V. Ex.^{cia} esta extença narração, e qr.^a determinar as suas ordens a q.^{me} confessa ser

Catête em 29 de Nov.^o de
1818
Servo, e obediente

De V. Ex.^{cia}
O mais atencioso

Marcellino Ant.^o de Sz.^a³⁸

A sorte de Manoel de Freitas prometia melhorar no Rio de Janeiro. Marcellino Antonio o apresentou a D. Fernando José de Portugal e Castro, o Marquês de Aguiar.³⁹ O então Secretário de Estado era verdadeiramente um amante da língua inglesa e vertera para a língua portuguesa duas obras de Alexandre Pope.⁴⁰ O Marquês de Aguiar conheceu a *Gramática Ingleza, e Portugueza* e por isso estimou seu autor, “recomendando que continuasse a parecer-lhe”. A doença e a morte de D. Fernando José em janeiro de 1817, contudo, atalhou o arranjo que estava sendo articulado para que Manoel José lograsse algum cargo na Corte.

Em seguida, Marcellino Antonio apresentou o gramático ao Barão Tesoureiro-mór Francisco Bento Maria Targini. Este prometeu os arranjos necessários para resolver os problemas de Manoel José, mas não os cumpriu, conforme especulou Marcellino, “por esquecimento ou por viver ocupado com objetos mais sérios”. Sabe-se que Targini era um homem bastante ocupado, parece que muito dedicado a malversar o erário régio.⁴¹

Marcellino Antonio recorreu, então, conforme a carta acima, a Pedro Machado de Miranda Malheiro. Pleiteou para seu amigo gramático um emprego na Inspeção do estabelecimento dos suíços no Cantagalo. Por Manoel José ser fluente em diversas línguas, poderia ser útil junto aos imigrantes suíços recém chegados ao Rio de Janeiro. Em fins de 1818, Marcellino Antonio remeteu outra carta ao inspetor Malheiro:

Ex.^{mo} Sñr Monsenhor Miranda

Primeiram.^e agradeço a V. Ex.^a o m.^{to} bem q' tratou, e attendeo ao p.^{or} off.^s o Manoel Jose de Freitas, comp.^o mesmo informou e como me dicesse q' se o requerim.^{to} fosse entregue a V. Ex.^a trez ou quatro dias antes, q. o tinha levado ao p.^{or} Thomas Ant.^o, quando V. Ex.^a foi a S.^t a Cruz, e ouvimos dizer q. Dom.^o ou Segunda F.^a; pertende repetir a jornada, nos parece acert.^o lembrar a V. Ex.^a q. s.^a não se esquecer de levar consigo o mencion.^o requerim.^{to} ou lembrança de qualquer outro projecto, q. possa resultar benef.^o ao d.^o Freitas. Neste Com.^o da B.^a cheg.^o a 4 dias, recebi carta do Conde de Palma, em q. me participa vir inform.^o o requerim.^{to} do off.^o q. suppliquei p.^a m.^a filha, e q. V. Ex.^a se dignou de por esse neg.^o em ação; por t.^o q. V. Ex.^a mandar por na algibeira da Carzaea com q. sai, esta cartinha, p.^a lhe servir da lembrança, e livrar qualquer esquecim.^{to} susceptível aos m.^{tos} neg.^{os} q. o cercão. Creio q. a m.^a informação, digo, a informação do meu requerim.^{to} sem emb.^{os} do p.^{or} Thomas Ant.^o se conformar, o q. pode mui bem fazer na ocasião em q. V. Ex.^a lá estiver.

A m.^a importante moléstia inda me não permite sahir deste quarto, e port.^o parada a informação desta escripta, q. sai como D.^o há serv.^o.

Tenho a honra de ser

De. V.^a Ex.^a

M.^{to} atencioso Sen.^or e

Catete em 18 de Dez.^o de 1818

Marcellino Ant.^o de Sz.^a⁴²

Não pudemos apurar se Manoel de Freitas teve mais sorte com esse requerimento e se conseguiu o cargo que pleiteou na colônia suíça. Sabemos, contudo, que sua carreira como gramático teve um impulso por meio da Impressão Régia. Em 1820 foi impressa no Rio de Janeiro, com Licença da Mesa do Desembargo do Paço, entenda-se José da Silva Lisboa, o *Compendio da grammatica ingleza e portugueza* “para uso da mocidade adiantada nas primeiras letras”. Essa é a segunda edição do livro publicado por Manoel José de Freitas. Tal compêndio é uma versão simplificada do seu livro anterior, a *Nova grammatica ingleza e portugueza*. Na segunda edição o autor assinou como Manoel José de Freitas, não recorrendo mais ao epíteto de “Brazileiro”. No prefácio Freitas explica seu desejo de ser útil à educação da mocidade num momento em que, “pela Providencia”, o reino do Brasil florescia na agricultura e no comércio com todas as nações, especialmente a inglesa.⁴³ Essa segunda edição possuía três páginas de prefácio e cento e duas páginas com o conteúdo; acertou Borba de Moraes ao afirmar que essa “é a primeira gramática inglesa publicada no Brasil”.⁴⁴ Havia, não obstante, grande demanda para esse tipo de livro.

Havia tanta demanda por gramáticas inglesas no Brasil que no ano de 1827 mais duas foram publicadas. A primeira, de Guilherme Tilbury, impressa no Rio de Janeiro, que foi dedicada ao Visconde de Cairú e da qual ainda restam alguns exemplares. Na Bahia, o Dr. Jonathas Abbott⁴⁵ publicou os *Elementos da grammatica ingleza, extrahidos dos melhores auctores*.⁴⁶ Na sua dedicatória, ao Dr. José Lino Coutinho, o autor afirma que estava autorizado pelo governo a dar lições de gramática da língua inglesa e que não havendo na cidade um suficiente número de compêndios próprios, e que estivessem de acordo com seus princípios, organizou este, que, apesar de muito resumido, presumia que não omitira o essencial, “esperando que merecesse a aprovação e suprisse a falta que havia”.⁴⁷ A segunda edição teve por prólogo o seguinte texto:

Animado pois por um coração liberal, resolvi preparar este compêndio, considerando o tráfico e as relações comerciais da nação portuguesa com a inglesa, e a falta de um compêndio da gramática de ambas, para iniciar e facilitar a mocidade ao uso das duas línguas, com a clareza, justeza e simplicidade possível (...)(...) Com quanta razão devemos nós julgar ser a língua inglesa necessária à mocidade, quando nos vemos entrelaçados em negociações com esta nação, e ouvindo diariamente o som vocal de seu idioma, que também facilita e convida os novos alunos a entrar com desejo

no conhecimento dos seus termos e frases. Por este meio que sem dúvida se faz mais suave a sua aquisição, dantes tão estranha, parece indispensável a utilidade dela para o comércio e tráfico civil, e igualmente para a leitura de livros, em todo o gênero, científico, morais e de educação polida. (...) A gramática de qualquer língua polida sempre foi a chave, que dá entrada ao conhecimento (por não dizer ao templo) da razão humana; e quando estamos bem possuídos de uma, o caminho é fácil para as outras. Sem alguma gramática, seja da língua nacional, seja de outra existente, ou morta como a latina e grega, não podemos expressar com propriedade e justeza os nossos pensamentos; quero dizer: não conhecemos a propriedade da derivação das palavras; não conhecemos a certeza das letras e sílabas que as compõem, não sabemos colocar em seus próprios lugares os termos ou palavras de uma oração ou período; e finalmente, não sabemos muitas vezes pronunciar os mesmos termos com o seu acento devido.⁴⁸

Um manuscrito conservado na Biblioteca Nacional

Diz Manoel José de Freitas que elle compos e fez imprimir, estando em Inglaterra, uma *Gramática da Lingua Ingleza e Portugueza*, que dedicou à Nação Portugueza, à sua cuja mocidade destinava à instrução de uma língua util à facilitar as relações comerciais do Reyno, por não poder então pessoalmente supplicar a V. Mag.^e a Graça de Permittir a publicação sob os Reaes Auspícios. Como ora se acha neste Reyno do Brazil, e pretende reimprimir a dicta obra mais acrescentada, e deseja supplicar da Real Benignidade a Mercê da Permissão da Dedicatória feita à S. Alteza Sereníssima D. Maria Thereza, para uzo do Sereníssimo Infante D. Sebastião, visto já ter o supp.^{te} obtido a licença do Desembargador do Paço para a dicta reimpressão: por isso, prostrado aos pés do Throno; a V. Mag.^e seja servido fazer a Graça ao supp.^{te} de Permittir a Dedicatória juncta da dicta obra à S. Alteza Sereníssima D. Maria Thereza.
Manoel Jose de Freitas⁴⁹

Manoel de Freitas expressou seu desejo de dedicar seu livro à princesa D. Maria Teresa de Bragança (Queluz, 29 de Abril de 1793 — Trieste, 17 de Janeiro de 1874), a primogênita de D. João VI. Segue abaixo a dedicatória manuscrita conservada na Biblioteca Nacional que foi escrita para a segunda edição:

Dedicatória
Á S. Alteza Sereníssima D. Maria Thereza

Considerando eu submissamente que V. Alteza Sereníssima aprecia os estudos da Lingua Ingleza, e dirige ao conhecimento della o Sereníssimo Infante D. Sebastião, Seu Unico Amado e Prezado Filho, entende ser racional pedir humildemente licença a V. A. S. para appresentar aos Reaes Pés a presente Gramatica de Lingua Ingleza e Portugueza, novamente illustrada e augmentada, e que há de ser reimpressa na Officina Regia desta Capital, implorando o Real Assenso e Protecção de V. A. S., que há de servir de Frontispicio nesta Dedicatoria, para accreditar a minha pequena diligencia

em a compôr nos annos que estive em Inglaterra, sobre os Principios Elementares dos dous Dialectos.

Como chave que dá entrada para o Templo das Sciencias, espero que brevemente ella será proveitosa, nas duas Linguas, ao S. Infante D. Sebastião; principiando no próprio tempo da sua tenra Infancia à adornar o seu Entendimento com uteis e necessários conhecimentos, e plantando em seu Peito o Amor da Virtude.

V. A. S., pelo Genio e Celebridade dos seus Memoraveis Ascendentes, de Saudosa Memória, Conhece, que a Prosperidade da Grande Nação Portugueza, nos Tres Reynos Unidos, depende das Reaes Virtudes e Justas Disposições dos seus Progenitores, em Quem temos firmada a Base do Real Throno, e dilatada a Corôa por séculos vindôros; e que hé importante a cultivação das Artes e Sciencias para sustentar as quatro columnas do Estado, Agricultura, Commercio, Letras, e Armas, em cujo Estabelecimento hé devida, e será sempre louvada a Prolongação do Character Religioso e Moral do Nosso Augusto e Amado Soberano El Rey Nosso Senhor, que Deos conserve em Paz, por longos annos com toda a Augusta Familia Real.

Concedendo-me V. A. S. a licença que humildemente imploro, e Dignando-se acceitar esta Dedicatoria, como limitado tributo e reconhecimento de um infatigável vassalo, que, não obstante as suas adversidades, ainda procura poder ser útil ao Estado, e à Nação, confesso que V. A. S. me tem conferido Honra a mais sensivel que posso aspirar.

Sei que as paginas conteudas no assumpto não tem objeto adequado à tão Alta Protecção; porém confio submissamente na Bondade de V. A. S. que Prestará o seu Beneplacito à minha supplica.

Sou, com o mais profundo respeito, de V. Alteza Serenissima,

O mais humilde e obediente vassalo.

Manoel Jozé de Freitas.⁵⁰

Não sabemos por qual razão a segunda edição da gramática não saiu impressa com essa dedicatória, mas no início de setembro de 1820 a Gazeta do Rio de Janeiro já anunciava os exemplares para venda: “Sahio á luz: Compendio da Grammatica Ingleza e Portugueza por Manoel José de Freitas. Acha-se na loja de Carvalho e Filhos, rua do Ouvidor N. 8”.⁵¹ Os exemplares também estavam a disposição em Lisboa, conforme anunciou o Diário do Governo: “Sahio á luz: Compendio da Grammatica Ingleza e Portugueza, para Uso da Mocidade adiantada nas primeiras letras. Composta por Manoel José de Freitas, impressa no Rio de Janeiro em 1820 em 4.º, e se vende em brochura por 640 réis na loja de Borel, e Companhia ao Martyres”.⁵² É livro muito difícil de encontrar. Essa segunda edição de 1820 é, em muitos aspectos, um livro menor que a primeira edição de 1812. A edição impressa no Rio de Janeiro é, realmente, apenas um compêndio para aprendizes da língua, mas a edição de Liverpool é um instrumento político.

Uma gramática dos “abomináveis princípios”?

Os historiadores não têm o direito de acreditar em coincidências. A publicação da gramática de Freitas e sua introdução nos círculos intelectuais da Bahia colonial entre os anos de 1812-1813 ocorreu ao mesmo tempo em que as lojas maçônicas da Inglaterra voltaram sua atenção para o Brasil. Esta ramificação da maçonaria inglesa nos círculos políticos das capitâneas do norte foi percebido por Evaldo Cabral de Mello:

Ao invés da maçonaria fluminense, a pernambucana fugira da tutela do Grande Oriente Lusitano. Seu aparecimento datava também dos primeiros anos do século, sob o estímulo do naturalista Manuel Arruda da Câmara e do seu discípulo, padre João Ribeiro. A partir de 1813 ela fora reativada não de Lisboa ou do Rio, mas de Londres, por Domingos José Martins, emissário de pedreiros-livres ingleses. Desde então as lojas pernambucanas tornaram-se exclusivamente brasileiras, excluindo os portugueses, os quais por isso mesmo fizeram seu inferno à parte. Martins e seus aliados, o mesmo padre João Ribeiro, o negociante Cabugá e o médico Guimarães Peixoto, trataram de conquistar o clero e a oficialidade, empresa tanto mais fácil quanto essas categorias já se compunham majoritariamente de naturais da terra, estando predispostas, portanto, a se constituírem em ponta-de-lança do projeto emancipacionista.⁵³

Domingos José Martins, que viria a ser o chefe da Revolução Pernambucana de 1817, frequentador dos mesmos círculos que Hipólito José da Costa na Inglaterra, já estava na Bahia desde o primeiro trimestre de 1812. Oficialmente estava divulgando suas duas firmas estabelecidas em Londres e Liverpool, em sociedade com certo Antonio Martins Barroso.⁵⁴ Penso, não obstante, que seu propósito era também estender a influência da maçonaria inglesa sobre as lojas maçônicas de Salvador, do mesmo modo como fez em Pernambuco a partir de 1813.⁵⁵ Uma gramática inglesa, decerto, facilitaria a comunicação.

Manoel José de Freitas era pedreiro-livre? Conheceu na Inglaterra a Domingos José Martins ou a Hipólito José da Costa, que tanto lhe elogiara a gramática, no *Correio Braziliense*? São perguntas que, ao presente, não são possíveis de serem respondidas. Mas é fato que travou amizade com muitos pedreiros-livres de Portugal e da Bahia. Sua amizade com Marcellino Antonio de Souza e José Joaquim da Silva Freitas ilustra isso.

Afirmar que a edição de 1812 é um instrumento político exige, contudo, uma análise que corrobore esta afirmação. Assim, é necessário examinar o conteúdo do livro em questão. *A Nova da Grammatiza Ingleza* é mais do que uma simples gramática e apresenta, de maneira didática, textos em língua inglesa com as traduções em português. Admito que, mesmo para

um bibliófilo, não foi tarefa simples identificar quem foram os “melhores autores” selecionados pelo gramático baiano, visto que ele teve o cuidado de mantê-los sob anonimato.

Nos anexos da *Nova grammatica portugueza e ingleza* foi publicado um tópico intitulado *Questions & answers upon Grammar*, que foi extraído da obra *A Short System of Polite Learning*, de Daniel Jaudon.⁵⁶ O tópico *Upon Geography* também foi extraído de Jaudon, mas com algumas modificações no texto. Já o tópico *Solid glory and real greatness; Glória sólida e verdadeira grandeza* foi extraído de *The method of teaching and studying the belles lettres*, do historiador e educador jansenista Charles Rollin.⁵⁷

Manoel de Freitas traduziu um trecho de *The Travels of Cyrus* de Andrew Michael Ramsay, intitulado *True Politeness; Verdadeiros Costumes, ou Polidez*.⁵⁸ Os tópicos *The Advantages of Reading and Writing* e *Prudence* foram extraídos de Isaac Watts, autor de *The improvement of the mind*, obra fundamentada nos provérbios de Salomão.⁵⁹

O conceito apresentado em *Justice; Justiça, ou Rectidão* foi retirado da obra, *Thoughts Moral and Divine* do influente pedreiro-livre inglês Wellins Calcott (1726-após 1779).⁶⁰ Há ainda uma tradução para o português de um trecho das *Viagens de Rolando* (1799) de Louis François Jauffret, que fora traduzido da língua francesa para a inglesa em 1808.⁶¹

Manoel de Freitas incluiu ainda o texto *Dinheiro, suas formas e especies*, seguido de uma *Lista de diferentes especies de moedas de diversos Reynos; seus nomes e valores, reais ou verdadeiros, e imaginarios ou nominaes*. O original foi publicado em Londres no ano de 1808, na *The Tradesman; or, Commercial magazine*, com o objetivo de facilitar acordos comerciais por meio de uma tabela de conversão monetária internacional.⁶²

É curioso que a seleção de textos e autores feita por Manoel de Freitas foi reproduzida *ipsis litteris* pelo educador Alexander Melville Bell (1819-1905), pai de Alexander Graham Bell, no livro *Letters and Sounds* (1858), indicando que o mesmo consultou o livro do gramático baiano.⁶³ Isso demonstra, também, o alcance da *Gramática Ingleza, e Portugueza* mesmo entre os intelectuais anglo-saxões ao longo do século XIX. De certa forma, a gramática de Manoel José de Freitas divulgou na Bahia textos de autores ligados à maçonaria, ao protestantismo e ao jansenismo.

Além disso, é importante ressaltar que a gramática de Freitas não foi a única obra relacionada com o Brasil que saiu dos prelos de G.F. Harris's Widow and Brothers, de Liverpool, naquele ano de 1812. Também foi publicado um opúsculo anônimo intitulado *Rules and resolutions of the Liverpool, Portugal and Brazil Association, established at a meeting, held on the 20th day of November, 1812, for the protection and promotion of the general interests of the trade*, cujo o único exemplar que localizei está na Biblioteca da

Universidade de Liverpool.⁶⁴ Borba Moraes não conheceu e nenhum outro bibliógrafo que consultei registrou esse impresso. Nada pude encontrar acerca de alguma *Liverpool, Portugal and Brazil Association*, além de que seu presidente chamava-se Thomas Fournis Dyson.⁶⁵

Ainda persistem muitos elementos obscuros acerca de Manoel José de Freitas. Não temos notícias precisas do seu nascimento e não foi possível apurar até quando viveu ou a cidade em que faleceu. A sua gramática inglesa, apesar de atualmente ignorada, foi importante durante as primeiras décadas do século XIX. A primeira edição desse livro está na origem do ensino da língua inglesa na Bahia, bem como a segunda edição está para o ensino da referida língua na Corte fluminense. *A Nova Grammatica Ingleza e Portuguesa* pode ser compreendida, de certa maneira, como um significativo aspecto da influência inglesa no Brasil às vésperas da emancipação.

¹ IGLESIAS MAGALHÃES, P. A. A Palavra e o Império: A Arte da Língua Brasileira e a Conquista do Maranhão. In: *Revista de História* (USP), v. 165, São Paulo, p. 367-401, 2011. <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83092011000200012&script=sci_arttext>. Acessado em 07 Oct. 2012.

² IGLESIAS MAGALHÃES, P. A. A Palavra e o Império: a propósito de uma Arte da Grammatica impressa na Bahia em 1811. In: *Anais de História de Além-Mar*, vol. X, Lisboa, p. 231-250, 2009.

³ FURTADO, Hippolyto Joseph da Costa Pereira. *A narrative of the persecution of Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado*. Londres: 1811, Vol. 1, p.53.

⁴ IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 17981. 78 fls. (4 fls. em branco num.). Nesse processo não encontramos o trecho transcrito por Hipólito, mas o documento não está íntegro. Este processo foi encontrado em 10/09/2009, como documento avulso, dentro de um maço de miscelânea, do qual foi então autonomizado para ser reintegrado na série de onde terá sido subtraído em data ignorada. Faltam, devido a retirada coeva à montagem do processo, os fôlios 4 a 136 ; falta também, mas devido a lapso do responsável pela numeração original, o fôlio 168. A referida numeração original, sempre a tinta, cessou depois do fôlio 198 (assim sendo, a numeração subsequente, a lápis, é da autoria dos funcionários do arquivo.). <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4522454>

⁵ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. 3.ed. pp. 265-266.

⁶ O Tratado de Methuen, também referido como Tratado dos Panos e Vinhos, foi um tratado assinado entre a Grã-Bretanha e Portugal, em 27 de Dezembro de 1703. Foram seus negociadores o embaixador extraordinário britânico John Methuen, por parte da Rainha Ana da Grã-Bretanha, e D. Manoel Teles da Silva, marquês de Alegrete. Pelos seus termos, os portugueses se comprometiam a consumir os têxteis britânicos e, em contrapartida, os britânicos, os vinhos de Portugal.

⁷ TORRE, Manuel Gomes da. *Gramáticas Inglesas Antigas: Alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal até 1820*. Trabalho complementar à dissertação de doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Orientador: Prof. Dr. Armando Morais. Porto, 1985. pp. 8-25

⁸ ANDRADE, António Alberto Banha de. *Vernei e a cultura do seu tempo*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1966, pp. 357-358.

⁹ SANTOS, Elaine Maria. *As reformas pombalinas e as gramáticas inglesas : percursos do ensino de inglês no Brasil (1759-1827)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira. São Cristóvão, 2010. pp. 124-134.

¹⁰ OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. *A instituição do ensino das línguas vivas no Brasil: o caso da língua inglesa (1809-1890)*. Tese de Doutorado na PUCSP. Programa de Estudos Pós Graduados em Educação: História, Política, Sociedade. Orientador: Prof. Dr. Odair Sass. São Paulo, 2006. pp. 92-93.

¹¹ Coleção das Leis do Brasil de 1809. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.

¹² CARVALHO, José Liberato Freire de. *Memórias da vida de José Liberato Freire de Carvalho*. Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1855, pp. 40-45.

¹³ SILVA, Inocência Francisco. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Oficial, 1883, Vol. X, p. 34.

-
- ¹⁴ Correio Braziliense ou Armazem Literario. Vol IX. Londres: W. Lewis, julho de 1812. pp. 728 e 729.
- ¹⁵ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, Vol. V, pp. 439.
- ¹⁶ BLAKE, Augusto Alves Vitorino Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, vol. 6, p. 58-59.*
- ¹⁷ BARBOSA, Manoel de Aquino. Padre Manoel Dendê Bús: figura do movimento liberador de 1822 e vigário da conceição da praia. Salvador, Anais do Arquivo do Estado da Bahia, Vol.40, 1971, p. 171-209.
- ¹⁸ SILVA, Cândido da Costa e. Os Segadores e a Messe: O Clero Oitocentista na Bahia. Salvador: EDUFBA, 2000. pp. 461-462.
- ¹⁹ Agradeço ao historiador Rafael Sales que transcreveu os manuscritos utilizados neste artigo.
- ²⁰ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ). Coleção Documentos Biográficos. Localização: C-0755,026 nº 002. FREITAS, Manoel Jose de. Requerimento encaminhado ao Ministério do Império, solicitando ser nomeado Secretario do Governo do Espírito Santo. [S.l.], 1818. Documento 1.
- ²¹ VILHENA Luis dos Santos. A Bahia no Século XVIII. Salvador: Itapuã, 1969, Vol. 1, p. 279 e Vol. 2, p. 422.
- ²² Collecção das leys, decretos, e alvarás, que comprehende o feliz reinado del rey fidelissimo D. José o I. Nosso senhor desde o anno de 1761 até o de 1769. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Garlhado, 1770, Tomo II, pp. 163-164. Cada Regimento de Artilharia era composto por uma companhia de bombeiros, outra de mineiros, de artífices e de nove companhias de artilharia. Cada companhia de bombeiros era composta por um capitão, um primeiro tenente, um segundo tenente, um sargento, um furriel, quatro cabos de esquadra, seis artífices de fogo, quarenta e seis bombeiros e dous tambores; constituindo todos o número de sessenta e três praças.
- ²³ BNRJ. Coleção Documentos Biográficos. Localização: C-0755,026 nº 002. FREITAS, Manoel Jose de. Requerimento encaminhado ao Ministério do Império, solicitando ser nomeado Secretario do Governo do Espírito Santo. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1818. Documento 2.
- ²⁴ BRAZILEIRO, Manoel de Freitas. *Nova Grammatica Ingleza e Portugueza*. Liverpool: G. F. Harris's, 1812, p. i.
- ²⁵ Idade d'Ouro do Brazil, n. 30. Terça-feira, 13 de abril de 1813.
- ²⁶ Idade d'Ouro do Brazil, n. 43. Sexta-feira, 28 de maio de 1813.
- ²⁷ Idade D'Ouro do Brazil n. 103, Terça-feira 29 de dezembro de 1818, p. 5.
- ²⁸ Idade d'Ouro do Brazil, n. 26, terça-feira, 30 de março de 1813, p.3; n. 27, sexta-feira, 2 de abril de 1813. p. 3,
- ²⁹ O Velho Liberal do Douro, n. 34. Lisboa: Imprensa da Rua dos Fanqueiros, 1833, p. 3.
- ³⁰ SILVA, Inácio Accioli Cerqueira. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia*. Salvador: 1835, vol. I, p. 310.
- ³¹ Idade d'Ouro do Brazil, n. 55. Sexta-feira, 10 de julho de 1812.
- ³² Idade d'Ouro do Brazil, n. 47. Sexta-feira, 12 de junho de 1812.
- ³³ MAGALHAES, Pablo Antonio Iglesias. Flores Celestes: o livro secreto de José da Silva Lisboa, o visconde de Cairú? *História*, Franca, v. 31, n. 1, June 2012. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742012000100006>>. Acessado em 07 Oct. 2012. Sobre as notas do filho de Marcellino, ver Idade d'Ouro do Brazil, n. 64. Terça-feira, 11 de agosto de 1812.
- ³⁴ Idade d'Ouro do Brazil n. 3, sexta-feira 8 de janeiro de 1813.
- ³⁵ DUDLEY, William S.; CRAWFORD, Michael J. . *The Naval War of 1812: A Documentary History*. p. 99 e 193-194; Niles' weekly register, Volume 4, sábado, 13 de abril de 1813, p.118.
- ³⁶ ANTT – Real Mesa Censória. “Catálogos: Exame dos livros para saída do reino”, destino: Rio de Janeiro, caixa 155. Márcia Abreu. Os caminhos dos livros, Campinas, Mercado de Letras/ALB/Fapesp, 2003, p. 33.
- ³⁷ José Joaquim da Silva Freitas, Oficial Maior da Secretaria d'Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. Gazeta de Lisboa n. 115, Sábado 16 de maio de 1818, p. 2.
- ³⁸ BNRJ. Coleção Documentos Biográficos. Localização: C-0755,026 nº 002. FREITAS, Manoel Jose de. Requerimento encaminhado ao Ministério do Império, solicitando ser nomeado Secretario do Governo do Espírito Santo. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1818. Documento 2. Creio que esse Marcellino Antonio de Souza seja o mesmo amigo de Cipriano Barata que foi implicado na Conjuração dos Alfaiates em 1798. Marcellino Antonio de Souza trabalhou na Junta da Fazenda da Província da Bahia, mas aposentou-se como Contador-Geral da Terceira Repartição do Tesouro Nacional, por decreto de Miguel Calmon du Pin e Almeida, Presidente do Tesouro, de 22 de dezembro de 1828. Astréa, n. 462, Sábado 22 de agosto de 1829. Rio de Janeiro: Typ. da Astréa, p. 4. <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=2314064>
- ³⁹ Dom Fernando José de Portugal e Castro, primeiro conde e segundo marquês de Aguiar (Lisboa, 4 de dezembro de 1752 — Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1817) Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, seguiu a carreira da magistratura, serviu no Tribunal da Relação de Lisboa e na Casa da Suplicação. De 1788 a 1801, foi governador e capitão-general da Bahia, de onde seguiu para o Rio de Janeiro como vice-rei do Brasil de 14 de outubro de 1801 a 14 de outubro de 1806. Depois, foi Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino do Brasil, entre 1808 e 1817.

⁴⁰ POPE, Alexander. *Ensaio sobre a Critica, de Alexandre Pope, traduzido em portuguez, pelo Conde de Aguiar, com notas de José Warton, do tradutor e de outros; e o comentario do Dr. Warburton*. Rio de Janeiro: na Impressão Regia, 1810; *Ensaio moraes de Alexandre Pope em quatro epistolas a diversas pessoas, traduzidas em portuguez pelo conde de Aguiar com notas de José Warton, e do traductor*. Rio de Janeiro: Impressão Regia, 1811.

⁴¹ Francisco Bento Maria Targini, segundo barão e único visconde de São Lourenço, foi um nobre português, filho de pai italiano. Em 1811 foi nomeado tesoureiro-mor do erário real, durante o período em que D. João VI de Portugal esteve no Brasil, angariando a fama de corrupto e tendo enriquecido às custas do seu ofício. Quando agraciado visconde foi satirizado pela população com os seguintes versos: “Quem furta pouco é ladrão. / Quem furta muito é barão. / Quem mais furta e esconde. / Passa de barão a visconde”.

⁴² BNRJ. Coleção Documentos Biográficos. Localização: C-0755,026 nº 002. FREITAS, Manoel Jose de. Requerimento encaminhado ao Ministério do Império, solicitando ser nomeado Secretario do Governo do Espirito Santo. Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1818. Documento 3.

⁴³ FREITAS, Manoel de. *Compêndio*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1820. p. i.

⁴⁴ MORAES, Rubens Borba de; Camargo, Ana Maria de Almeida. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora da USP; Kosmos, 1993, Vol. 1, p. 231.

⁴⁵ Nasceu em Kennington, em Londres, em 6 de agosto de 1796. Aos 16 anos, partiu para o Brasil, aportando na cidade do Salvador. Em 1816, ingressou no Colégio Médico Cirúrgico da Bahia, com 20 anos de idade. Em 1827, foi nomeado lente substituto da cadeira de Operações e Partos e, no ano seguinte, lente substituto das cadeiras Cirúrgicas. Em 1828, foi promovido a lente proprietário da cadeira de Anatomia Geral e Descritiva, na vaga de Dr. José Soares de Castro. Em março de 1830, foi autorizado, por concurso, a exercer a Cirurgia e a Medicina, em todas as partes do Império do Brasil. Em 26 de agosto de 1831, recebeu o título de doutor em Cirurgia, na Universidade de Palermo. Foi o autor de mais de 30 trabalhos, muitos deles publicados após a sua morte, ocorrida em 8 de março de 1868, na capital da Bahia.

⁴⁶ ABBOTT, Jonathas. *Elementos da grammatica ingleza, extrahidos dos melhores auctores*. Bahia: Typographia Imperial e Nacional, 1827, [8] 70 p. 2. ed. Bahia, na Livraria de João Baptista Martin, 1850, 72 p. Só é conhecido um único exemplar da primeira edição dos *Elementos da grammatica* de Abbott. Valemo-nos da fotocópia que o atual proprietário cedeu a Renato Berbert de Castro, conservada na Fundação Clemente Mariani.

⁴⁷ ABBOTT, Jonathas. *Elementos da grammatica*, pp. 3-5 (sem numeração, no original).

⁴⁸ Freitas, Manoel José de. *Compêndio da gramática inglesa e portuguesa para uso da mocidade adiantada nas primeiras letras*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1820. p. 1-2

⁴⁹ BNRJ. Seção de Manuscritos; Coleção: Documentos Biográficos. C-0755,026 nº001 FREITAS, Manoel Jose de. Requerimento encaminhado ao Ministério do Império, solicitando licença para dedicar a rainha Maria Tereza, sua obra “gramatica da lingua inglesa e portuguesa”. 3 docs.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Gazeta do Rio de Janeiro, N. 72. quarta-feira 6 de setembro de 1820. Impressão Regia, p. 4.

⁵² Diário do Governo, n. 55, Suplemento n.13, quarta-feira, 6 de março de 1822. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 7.

⁵³ MELLO, Evaldo Cabral de. *A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 36.

⁵⁴ Idade d’Ouro do Brazil. N. 23, sexta-feira, 20 de março de 1812

⁵⁵ Deve-se sublinhar que no início do século XIX a Bahia abrigava três lojas maçônicas. A primeira foi a Loja Virtude e Razão, estabelecida em Salvador a 5 de julho de 1802, no Rito Francês (ou Moderno), que observava a Constituição do Grande Oriente Lusitano, mas que não lhe era subordinado. Em 30 de março de 1807 doze dissidentes da Virtude e Razão fundaram a Loja Virtude e Razão Restaurada, também do Rito Francês, mudando o nome, a 10 de agosto de 1808, para Loja Humanidade. Pela segunda vez, dezoito dissidentes da Virtude e Razão criam a 12 de março de 1813 a Loja União.

⁵⁶ BRAZILEIRO, op. cit., 1812. pp. 191-196. Daniel Jaudon. *A Short System of Polite Learning: Being a Concise Introduction to the Arts and Sciences, and Other Branches of Useful Knowledge*. W. Bent, 1789. Daniel Jaudon, Île de Ré, France, c. 1683 – Carolina do Sul, 1739.

⁵⁷ BRAZILEIRO, op. cit., pp. 204-206. Charles Rollin (Paris, 30 de janeiro de 1661 – 14 de dezembro 1741), seguidor dos princípios jansenistas, foi autor de uma história antiga (Paris, 1730-38), mas sua obra mais importante foi o *Traité des études* (Paris, 1726-31) que apresenta um resumo do que foi até então um inovador sistema de educação, incluindo uma utilização mais frequente e extensiva da língua vulgar, descartando as tradições medievais que permaneceram na França.

⁵⁸ BRAZILEIRO, op. cit., 1812. pp. 206-207. RAMSAY, Andrew Michael. *The travels of Cyrus to which is annexed a discourse upon the theology & mythology of the pagans – a book composed in avowed imitation of Fenelon's Les aventures de Télémaque*. Londres, 1728. (A primeira edição de Paris, 1727), p. 61-62. Andrew Michael Ramsay, chamado de Cavaleiro de Ramsay, nasceu a 9 de janeiro de 1686 em Ayr, Escócia, e viveu

grande parte da sua vida adulta na França. Em 1710 visitou François Fénelon que o converteu ao catolicismo. Em Roma foi tutor dos dois filhos de James Francis Edward Stuart e associou-se ao “court party” de John Erskine, Duque de Mar. Estava na Inglaterra em 1730 onde recebeu um diploma honorário da Universidade de Oxford, associando-se à franco-maçonaria para introduzi-la na França (1725–26) e presume-se que ser pedreiro-livre facilitou sua entrada no Gentleman's Club of Spalding, no qual o proeminente maçom John Theophilus Desaguliers também era membro. Em 1737 Ramsay escreveu seu *Discourse pronounced at the reception of Freemasons by Monsieur de Ramsay, Grand Orator of the Order*, no qual ele estabelece uma conexão entre os pedreiros-livres, as cruzadas e os cavaleiros templários. Faleceu em St. Germain-en-Laye (Ile-de-France) a 6 de maio de 1743. Charles Radclyffe, Conde de Derwentwater, Grão-Mestre da maçonaria, na França, esteve presente no funeral de Ramsay.

⁵⁹ BRAZILEIRO, op. cit., pp. 207-208. WATTS, Isaac. *The improvement of the mind: or, a supplement to the art of logic: containing a variety of remarks and rules for the attainment and communication of useful knowledge in religion, in the sciences, and in common life*. London: J. Abraham, 1801, p. 284.

⁶⁰ BRAZILEIRO, op. cit., p. 208. CALCOTT, Wellins. *A Collection of Thoughts, Moral and Divine, Upon Various Subjects, in Prose and Verse. Dedicated, ... to the Right Honourable Earl of Powis, by Wellins Calcott*. Manchester: Jos. Harrop, 1761. 4. ed. pp. 134-135. A primeira edição foi publicada em Londres em 1756. Calcott ficou mais conhecido por publicar *A Candid Disquisition of the Principles and Practices of the Society of Free and Accepted Masons, Together With Some Strictures on the Origin, Nature, and Design of That Institution. Dedicated, by permission, to the most noble and most worshipful Henry Duke of Beaufort, &c. &c. Grand Master*. London: Printed for the author by Brother James Dixwell, 1769 (ou, se preferir, A. L. 5769).

⁶¹ BRAZILEIRO, op. cit., 1812. pp. 191-196. JAUFFRET, Louis François. *The Travels of Rolando: containing, in a supposed tour around the world, authentic descriptions of the geography, natural history, manners, and antiquities of various countries / translated from the French of L.F. Jauffret*. London : Printed for Richard Phillips, Bridge Street, Blackfriars; and sold by Tabart and Co. at the Juvenile and School Library, no. 157, New Bond Street; and all booksellers, 1808 ([London] : B. McMillan, Bow Street, Covent Garden) 4 volumes. L. F. Jauffret (1770-1840) foi um dos fundadores da *Société des observateurs de l'homme* (1799-1804), junto com Roch-Ambroise Cucurron Sicard e Joseph de Maimieux. Criada em Paris, foi considerada como o berço da antropologia francesa.

⁶² BRAZILEIRO, op. cit., pp. 211-221. *The Tradesman; or, Commercial magazine: Including subjects relative to commerce, foreign and domestic; together with suggestions for new commercial connexions*. London: Sherwood, Neely & Jones, 1808. Vol. 1, pp. 490-498.

⁶³ BELL, Alexander Melville. *Letters and sounds: an introduction to English reading, on an entirely new plan by Alex. Melville Bell, F.R.S.S.A, &c. Professor of Elocution and Vocal Physiology*. London: Hamilton, Adams and co., [1858]. pp. 103-106. Bell (1819-1905) dedicou-se ao estudo da fala o tornou o principal assistente de seu pai, Alexander Bell, uma autoridade em discurso fonética e problemas na fala. De 1843 a 1865 lecionou elocução na Universidade de Edimburgo e de 1865 a 1870 na Universidade de Londres. Publicou *Steno-Phonography* (1852); *Letters and Sounds* (1858); *The Standard Elocutionist* (1860); *Principles of Speech and Dictionary of Sounds* (1863); *Visible Speech: The Science of Universal Alphabets* (1867); *Sounds and their Relations* (1881); *Lectures on Phonetics* (1885).

⁶⁴ *Rules and resolutions of the Liverpool, Portugal and Brazil Association, established at a meeting, held on the 20th day of November, 1812, for the protection and promotion of the general interests of the trade*. Liverpool: Printed by G.F. Harris's Widow and Brothers, 1812. 19 p.

⁶⁵ *Memorial of Thomas F. Dyson, chairman of the Liverpool, Portugal, and Brazil Association, praying for a prohibition of the importation of American cotton*. Mar. 17, 1813.